

O cruzeiro e a bandeira: o lugar, o objeto e os compromissos sagrados da Folia da Serra¹

The cruise and the flag : the place , the object and the sacred commitments of Revelry of Serra

Andiara Barbosa Neder²

andiaraneder@yahoo.com.br

O presente artigo busca apresentar parte de uma etnografia realizada com grupo de Folia de Reis da Serra, em Leopoldina - MG. Além disso, objetiva descrever e analisar os rituais e compromissos característicos do Dia de Reis, apresentando os rituais de Cantoria no Cruzeiro e a Entrega da Bandeira. Em torno da devoção dessas pessoas, várias narrativas vão ganhando forma e se adensando dentro da estrutura da Folia da Serra e cada vez mais se tornando presentes no imaginário da comunidade que participa coletivamente da festa. A narrativa analisada neste artigo, que ganhou na região o status de um mito, mescla elementos do mundo natural e sobrenatural, que legitimam certos aspectos do procedimento ritual do grupo. Assim, desde 1816 a Folia da Serra mantém essa forma festiva de adorar o sagrado e manifestar sua devoção aos Santos Reis Magos.

Palavras chaves: Folia de Reis, Dia de Reis, Cantoria no Cruzeiro, Entrega da Bandeira.

This article aims to show part of an ethnography realized with Revelry of Kings at Serra's group in Leopoldina - MG. Furthermore, it aims to describe and analyze the rituals and particular commitments of the Revelry of Kings, presenting the rituals of Singing in the Cruise and the Delivery of the Flag. Around the devotion of these people, many narratives takes shape and reinforcement within the structure of Revelry of Serra and increasingly becoming present in the imaginary of the community that collectively participate at the party. The narrative analyzed in this article, which won in the region the status of a myth, combine elements of the natural and supernatural worlds that legitimize certain aspects of the ritual group procedure. Therefore, since 1816, the Revelry of Serra keeps this festive way of adoring the sacred and show their devotion to the Holy Magi Kings .

Key words: Revelry of Kings, Day of Kings, Singing in the Cruise, Delivery of the Flag

¹ Texto referente a uma comunicação apresentada na 3ª Semana de Ciência da Religião da UFJF realizada entre os dias 6 e 9 de outubro de 2014.

² Mestranda em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora. andiaraneder@yahoo.com.br

O presente artigo busca apresentar parte de uma etnografia realizada a partir do acompanhamento da jornada de um tradicional grupo de Folia de Reis da cidade de Leopoldina - MG, a Folia da Serra. A possibilidade de acompanhar o giro³ de uma Bandeira⁴ de uma Folia de Reis tradicional se mostra como uma oportunidade de entender etapas, significados, crenças e elementos específicos de um ritual complexo, que só se faz inteligível diante da vivência contínua e ampliada oferecida pela etnografia.

A Folia dos Medeiros, popularmente conhecida como Folia da Serra, é o grupo mais antigo e tradicional de Leopoldina, datando seu surgimento de 1816. Localizado na zona rural da cidade, na Serra dos Barbosas, ganhou a alcunha de acordo com o nome deste lugar de origem.

Esse grupo é formado majoritariamente por membros da família Medeiros, que com muita história para contar sobre a sua trajetória de quase dois séculos, mantém essa forma festiva de adorar o sagrado e manifestar suas crenças e devoção aos Santos Reis do Oriente.

Este artigo objetiva descrever e analisar os rituais, os compromissos e as narrativas que os sustentam. Primeiramente apresento a narrativa, para que o leitor compreenda a importância dos rituais e dos comprometimento em realizá-los. Logo, como o primeiro compromisso da Folia no dia 6 de janeiro, descrevo analiticamente a Cantoria no Cruzeiro. E encerrando o giro, a Entrega da Bandeira, assim como seus compromissos individuais e coletivos.

1- Quando a História se torna Mito

O giro nos primeiros dias do ano e a Entrega da Bandeira são compromissos que devem ser cumpridos por todas as Foliás de Reis. Já a Cantoria no Cruzeiro, apesar de ser comum entre os grupos, não é obrigatória. Os foliões apenas mencionam que se no caminho em que a Folia passar houver um Cruzeiro, é necessário parar e fazer sua reverência, ou seja, é uma obrigação da Folia cantar alguns versos quando se passa

³ Nome dado à jornada da Folia de Reis, o tempo em que ela está em atividade, visitando as casas de devotos, igrejas, Cruzeiros, e outros lugares que possuem importância para o grupo. O giro da Folia da Serra se inicia no dia 24 de dezembro e termina no dia 6 de janeiro.

⁴ A Bandeira é o objeto sagrado de referência da Folia. Giovannini (2005) assevera que é o oratório de caminhada. Ela é quem guia e protege a Folia, vai à frente abrindo os caminhos nas mãos do bandeireiro.

diante de um. Na Folia da Serra é um compromisso irrefutável depois que um antigo folião do grupo exigiu, depois de morto, o seu cumprimento anual.

Há uma grande variedade de versões do mesmo caso, mas todas vão culminar na mesma “moral da história”. A narrativa, atestada como verídica pelos nativos, parece que ganhou na região o status de um mito, ou melhor, está sendo gradativamente mitologizada. Como um mito, essa narrativa anuncia uma eficácia permanente, e de uma forma ou de outra, sustenta o rito, portanto será comparado a um mito momentaneamente, e como tal admitemuitas versões que devem ser assumidas(LÉVI-STRAUSS, 1975). Um “mito” já consagrado como tal, possui inúmeras variações, “não existe versão ‘verdadeira’, da qual todas as outras seriam cópias ou ecos deformados. Todas as versões pertencem ao mito” (LÉVI-STRAUSS, 1975, p. 252). Seguindo essa lógica, todas serão consideradas.

Todas as versões tem como foco o cumprimento do primeiro compromisso do dia 6 de janeiro. Tradicionalmente a Folia da Serra canta no dia de Reis no Cruzeiro de uma localidade vizinha à Serra dos Barbosas, a Serra das Virgens. Este é um compromisso da Folia com as almas dos escravos que lá morreram no período da escravidão em Leopoldina, que começou a ser cumprido já com o Medeiro Velho, fundador da Folia. Não se tem conhecimento do ano exato em que esses escravos morreram, nem a partir de quando a Folia faz essa homenagem. Aliás a informação não é precisa nem no aspecto de ser uma simples homenagem. Segundo alguns foliões o ritual acontece a partir de uma promessa feita pelo mestre fundador, o que se mostra plausível por ser mantida durante tanto tempo.

Conta a população que o Cruzeiro da Serra das Virgens foi erigido em homenagem a dois escravos que morreram ali, no tempo da escravidão. Um homem com sua esposa grávida cometeram suicídio. Alguns contam que a tragédia foi movida pelo medo que tinham dos castigos que o senhor poderia vir a lhes aplicar, visto que perderam um boi de sua propriedade ou não conseguiram salvar o animal que agonizava em um mata-burro, segundo duas versões que ouvi da mesma história. O motivo é incerto. Parece até que se confunde um pouco com a lenda do Bumba meu Boi do folclore brasileiro, em que pai José mata o boi para lhe cortar a língua e saciar o desejo da esposa grávida, mãe Catirina. Porém, toma conhecimento que o animal era o

preferido do senhor e dessa forma, com medo dos castigos que lhes seriam impostos, chamou um feiticeiro, que com suas pajelanças ressuscitou o boi.

Pode até ser uma simples coincidência, e o motivo do suicídio dos escravos da Serra ser este mesmo, que não achando saída diante da situação preferiram a morte. Mas não se pode descartar a hipótese de que essa versão possa ser fruto da criatividade popular para explicar o motivo da tragédia. Visto que nessa época não era raro escravos cometerem suicídio, é possível considerar também a hipótese de que com o intuito de dar prejuízo ao senhor e cessar uma vida de sofrimento e neste caso, poupar mais uma que estava a caminho, eles o fizessem.

Independente do motivo, a morte dos escravos foi o fato que levou a população a erguer no local três cruzeiros em respeito ao sofrimento desses negros. As cruzeiros originais foram retiradas pois estavam danificadas pelo tempo. Foram substituídas por uma estrutura coberta com telhas, construída para abrigar as três cruzeiros, que foram pintadas em relevo em uma de suas paredes. Uma espécie de casinha, ou quem sabe uma capelinha, onde a Folia entra para cantar, como se estivesse entrando na casa desses negros para lhes fazer a homenagem. O que leva a pensar que este grupo apresenta uma interessante relação com o passado escravocrata de Leopoldina. O local é tão expressivo para os moradores da região, que o Medeiro Velho fez uma promessa incluindo a cantoria ali como pagamento. Dizem que o pagamento previa a cantoria no Cruzeiro em todos os dias de Reis, enquanto a sua Bandeira empreendesse jornadas. Portanto, é um compromisso da Folia da Serra e não do seu fundador.

A partir de conversas informais com devotos e assistência, percebi que no âmbito do Catolicismo Santorial é comum as pessoas fazerem promessas em intenção a outras e o alvo da mesma continuar pagando enquanto vida tiver. Talvez, o trato do Medeiro velho com os santos poderia estar relacionado à sua Folia, ou à longevidade dela. Por isso passar o pagamento da dívida ao grupo. Promessas muitas vezes têm seus motivos ocultados, mas se essa se direcionou ao contexto do grupo, pode-se dizer que sua eficácia foi comprovada. Portanto, na perspectiva nativa, é possível que a perenidade do grupo possa ser atrelada à ideia de um poder sobrenatural, divino.

Mas a história não termina assim. Contam foliões e assistência, que a Folia da Serra sempre se reunia neste Cruzeiro para entoar seus cantos às dez horas da manhã dia de Reis, como prevê o pagamento da promessa. Porém, somente um ano o grupo não

cumpriu com sua obrigação. De acordo com o relatado em conversa com a assistência, diante da falha, o escravo apareceu para um dos foliões e lhe cobrou o ritual no Cruzeiro. A partir desse momento, nunca mais a Folia deixou de realizar o ritual no local. Essa história revela a consolidação da influência africana no imaginário popular, com a sua relação de respeito com os mortos e possibilidade de comunicação. Além disso, é interessante perceber a solidariedade dos foliões para com os escravos, que mesmo em posição subalterna, merecem a homenagem.

Contudo, em outra versão referida pelo Sr. Alair, conta que a Folia parou de cantar no Cruzeiro, desrespeitando o compromisso com as almas e não cumprindo a antiga promessa feita pelo fundador do grupo. Assim, em um dia de giro um mestre folião antigo, já falecido, incorporou em Manuel Martins Madaleno, o Sr. Nequinha, pai de Sr. Alair. Segundo o folião seu pai mudou completamente. Seu jeito, seu olhar, sua voz, não era ele, afirma veementemente que de fato era outra pessoa. Nesta versão, meu informante ratifica que seu pai não era folião, e tão pouco “mexia com essas coisas de espiritismo”, estava apenas recebendo a Folia em sua casa, e com a Bandeira nas mãos, no momento do agradecimento, o mestre “baixou” nele, segundo a expressão utilizada por Sr. Alair.

Ainda existe um a terceira versão contada por outro folião. Ele explicita que não era um mestre folião qualquer que incorporou em Sr. Nequinha e sim o próprio Medeiro Velho, requerendo o cumprimento de sua promessa ano após ano. Acrescenta ainda que o Sr. Nequinha era um médium, daqueles que frequentavam mesmo centro espírita⁵. Por isso foi ele o escolhido para emprestar seu corpo ao espírito, para que este pudesse anunciar os seus anseios por meio do médium aos foliões.

Segundo Sr. Alair, o visitante inesperado fez dois pedidos, diante de todos, que escutaram estarecidos: o primeiro solicitava que a Folia dos Medeiros realizasse o Salvamento da Bandeira, tão almejado por ele (Medeiro Velho), mas nunca alcançado. Este é um ritual raro que precisa de duas folias para acontecer: cruzam-se as Bandeiras e os mestres começam a cantar versos falados de improviso. Este pedido foi realizado na igreja da Serra dos Barbosa. O segundo exigia o cumprimento de sua promessa há muitos anos feita e nunca antes negligenciada. Ela ditava que todos os anos em que a Folia saísse em jornada seguindo a Bandeira, que se cantasse o Padecimento de Jesus

⁵ O informante não explicita se o centro espírita frequentado por Sr. Nequinha era Kardecista ou Umbandista.

em respeito ao sofrimento dos escravos no Cruzeiro da Serra das Virgens, no dia de Reis entre dez horas da manhã e meio dia, que também vem se realizando todos os anos.

Qual a versão realmente aconteceu, ou se isso tudo é fruto da criatividade das pessoas, ou se a verdade está em um compilado das versões, não há como precisar, mas isso pouco importa. Lévi-Strauss (1978, p. 58) já problematizara isso com a pergunta: “onde acaba a mitologia e onde começa a História?”. Urge salientar a visão do autor quanto à oposição geralmente construída entre Mitologia e História: “a oposição simplificada entre Mitologia e História que estamos habituados a fazer – não se encontra bem definida, e que há um nível intermediário” (LÉVI-STRAUSS, 1978, p. 61). A ideia reificada admite que a primeira é “estática” enquanto a segunda é “aberta e dinâmica”. Portanto, não importa se a narrativa aconteceu daquela forma como é contada para ser histórica, o que assegura esse caráter segundo o autor são as “inumeráveis maneiras de compor e recompor as células mitológicas” (LÉVI-STRAUSS, 1978, p. 61).

Não cabe aqui enveredar a pesquisa a um caminho tão obscuro quanto infértil como se mostra essa busca implacável por uma “verdade absoluta”, que de fato não existe. A verdade nesse contexto é uma construção arbitrária e talvez utópica, pois todas as verdades existentes no campo fornecidas pela fonte oral estão permeadas por impressões pessoais, opiniões, sentimentos, crenças, especulações, perguntas, sugestões de respostase até devaneios. Segundo Lévi-Strauss não só a fonte oral apresenta esse privilégio, mas também fontes históricas, escritas a partir de documentos escritos e (aí se encontra o ponto central) interpretado por historiadores. Assim:

se se tomarem dois relatos de historiadores, de diferentes tradições intelectuais e com alinhamentos políticos diversos, de acontecimentos como a Revolução Americana, a guerra Franco-Inglesa no Canadá ou a Revolução Francesa, não ficamos de facto nada espantados ao constatar que eles não nos contam exactamente a mesma coisa (LÉVI-STRAUSS, 1978, p. 63).

Portanto, o que aqui se torna necessário é buscar a eficácia dessas narrativas na sua função de nunca deixar de cumprir um compromisso e sustentar um ritual, neste caso o que acontece no Cruzeiro.

Steil (2001p. 30) aponta que essas narrativas, longe de serem entendidas como mentira, são produtoras de verdades e por meio delas a memória de determinado grupo social é guardada e seus comportamentos e valores prescritos. Além disso, através da narração repetida, as novas gerações são introduzidas a partir da oralidade no contexto

deste determinado grupo, aprendendo os seus costumes, dominando com o tempo seus códigos e sendo paulatinamente cultivados para a sensibilidade dominante.

Dessa forma, a importância do Cruzeiro da Serra das Virgens vem sendo reafirmado a cada geração e por isso sempre alvo da devoção da comunidade. Os Cruzeiros em geral são por si só um local de devoção por excelência. Steil (2001, p. 30) afirma que “os lugares e as imagens têm no catolicismo tradicional um sentido particular e uma singularidade que ultrapassa qualquer tentativa de racionalização ou generalização.” E o Cruzeiro é um desses lugares, sacramentado por representar a paixão e morte de Cristo.

O Catolicismo Santorial, pelo seu forte viés penitencial, apresenta bons motivos para reverenciar o lugar, já que fazer parte desse Catolicismo se define mais pela identificação do fiel com o sofrimento e a morte do Bom Jesus do que pela sua adesão a um determinado corpo de verdades ou seguir determinados códigos morais (STEIL, 2001, p. 23). Por isso, em todos os Cruzeiros se canta ou recita os versos que contam o padecimento de Cristo, já que a paixão está no centro desse modelo de catolicismo (STEIL, 2001, p. 23).

O Cruzeiro da Serra, como relatado acima, tem outra especificidade que também o consagra dentro desse universo penitencial, onde a dor e o sofrimento tem o poder sacralizar pessoas e lugares. Através do suicídio dos escravos lá, tanto essas pessoas, que se transformaram em personagens, quanto o ambiente, foram sacralizados. Dessa forma, o Cruzeiro da Serra é um desses locais: “densamente significativos, onde seus membros podem sempre de novo beber da fonte de uma tradição que tece diuturnamente os laços de sociabilidade e solidariedade entre aqueles que se reconhecem como um ‘nós’” (STEIL, 2001, p.12).

E por toda essa sacralidade e importância para as pessoas que desfrutam desses laços, essa espécie de santuário gerou mais narrativas repletas de significados, como o episódio da incorporação, compartilhado entre os nativos de diversas formas. A relevância cultural e devocional do Cruzeiro da Serra das Virgens se construiu, se mantém e seguramente povoará o futuro por ser ele um lugar significativo e que guarda a memória e a história dessa comunidade em Leopoldina. Todas as sociedades possuem mitos, narrativas e lugares que são capazes de promover uma conexão entre o passado, presente e o futuro (STEIL, 2001, p.12) e esse Cruzeiro trás tudo isso em si mesmo.

2- Dia 6 de Janeiro, dia de Reis

Essa data é muito significativa para todas as Folias de Reis. É o dia de honrar muitos compromissos, com os Santos, com as almas e com os devotos. Cada grupo tem os seus compromissos específicos, mas aquele que é comum à maioria das Folias é o ritual da Entrega da Bandeira, com uma grande festa que encerra o giro do ano.

A Bandeira é o objeto ritual mais reverenciado da Folia. A crença em seus poderes protetores e curativos é afirmada pelos foliões e devotos que contam terem recebido diversas graças. A Bandeira apresenta um poder mediador, pois é entendida como material e imaterial ao mesmo tempo, pertencendo tanto ao plano natural como ao sobrenatural e dessa forma, sendo capaz de realizar a mediação entre os homens, os santos e os antepassados (BITTER, 2008, p.112). Por isso, na versão da narrativa que conta que Sr. Nequinha incorporou o espírito do antigo mestre, Sr. Alair assegura que ele estava empunhando o objeto sagrado. Foi a Bandeira a responsável pela mediação, visto que segundo esta versão, Sr. Nequinha não era espírita, tampouco médium.

A Bandeira da Serra tem a mesma idade do grupo, sendo reformada quando necessário, mas mantendo a imagem original dos três Reis, que dizem os foliões ser oriunda de Portugal. Bitter(2008, p.137) assevera que no processo de continuidade das festas, os foliões herdam os saberes rituais, os cantos e os toques envolvidos em sua celebração, os objetos, como os instrumentos e a Bandeira e, além disso, herda-se os compromissos e obrigações firmados por antepassados com seus santos.

Diante disso, analiso dois dos compromissos honrados pela Folia da Serra no dia de Reis: a Cantoria no Cruzeiro da Serra das Virgens e a Entrega da Bandeira na Igreja da Serra dos Barbosas. O cumprimento do primeiro, como analisado acima, sendo justificado por um compromisso de um antepassado com os santos e as almas.

O ritual realizado no Cruzeiro da Serra das Virgens, que se mostra tão relevante para a Folia da Serra, é caracterizado pela cantoria do Padecimento de Cristo às 10 horas da manhã do dia 6 de janeiro, diante das três cruzes que representam os três escravos que lá morreram no século XIX.

No dia 6 de janeiro de 2014 a Folia se encontrou no horário definido pelo antigo mestre folião que fez a promessa. Em pouco tempo, todos já assumiram seus postos e uma devota ajudou no ritual acendendo três velas, uma ao pé de cada cruz. A Folia

começa a tocar a toada triste referente ao Padecimento de Cristo, que tradicionalmente os grupos cantam diante de um Cruzeiro⁶.

É importante frisar a relevância que este ambiente devocional assume no seio de uma Folia. Diante da explicação de seu informante, Chaves (2003p. 104), afirma que o Cruzeiro é a morada das almas e “para ter as almas ao lado é preciso ter fé e principalmente agradá-las. Nada melhor que cantar na morada das almas para deixá-las satisfeitas.” Portanto, como uma homenagem às almas dos escravos e em respeito e obediência à alma do Medeiro velho, a Folia da Serra mantém seu compromisso ano após ano.

É também diante de um Cruzeiro que os foliões costumam entregar as promessas feitas pelos devotos, sempre no dia de Santos Reis. Nesse ambiente tudo acontece, é lá que suas promessas e pedidos são efetivamente comunicados e ganham importância junto aos santos, já que foram entregues por seus representantes diretos, os foliões, que nesse sentido, têm mais prestígio com os Reis Magos, segundo a crença dessas pessoas.

Um folião recita um verso cantado no Cruzeiro que diz o seguinte: “Naquele Monte Calvário tem uma cruz como esta/ Nesta estamos reunidos para cumprir sua promessa”. Outro que corresponde a esse momento de entrega das promessas diz: “Repara nessa Bandeira/ veja que imagem é essa/ é a imagem dos três reis/ que vem cumprir sua promessa”. Diante desses versos recitados pela Folia da Serra no Cruzeiro, é possível notar que eles estão ali para agradar as almas, louvar os Santos Reis, entregar a eles as promessas dos devotos e cumprir a promessa do antigo mestre folião. Importa dizer que neste instante, além da presença dos foliões percebi que a assistência compareceu e observou o ritual com o mesmo sentimento de respeito e devoção que pode ser observado nos integrantes da Folia.

Depois de cantar o Padecimento de Cristo diante das cruzes, com o bandeireiro⁷ de frente a elas e os foliões enfileirados atrás seguindo a ordem hierárquica dos instrumentos da Folia (primeiro os de corda, seguido pela sanfona e finalmente os de percussão), é o momento de devoção individual de cada folião e de cada devoto que ali se encontra.

⁶ Algumas Folias de Reis preferem não cantar em respeito à morte de Jesus Cristo e só recitam os versos.

⁷ Bandeireiro é o folião responsável por carregar a Bandeira durante todo o giro da Folia.

Os integrantes da Folia, um de cada vez, se colocam diante das cruzes e se ajoelham retirando a coroa⁸ em sinal de respeito. Tocam as três cruzes com a mão direita, se benzem com o sinal da cruz e dão a vez para o próximo. Alguns somente se curvam diante das cruzes tirando a coroa, sem se ajoelhar, e tocam-nas fazendo o sinal da cruz. Por outro lado, há aqueles que fazem questão de se ajoelhar, mesmo quando suas condições físicas não são favoráveis⁹ ao ato, que se mostra como uma ousadia, ou melhor, como mais um sacrifício em honra aos santos de devoção e às almas que ali residem. Também se encontram os que se demoram diante das cruzes, e com a mão direita no peito fazem silenciosamente uma oração, como o Sr. Nicodênio. A movimentação de cada um é expressiva em um momento que os gestos dizem mais que as palavras.



Foto 1: Respeito e devoção: Sr. Nicodênio com a coroa na mão esquerda, faz uma oração diante das cruzes, com a mão direita sobre o peito.

Depois que todos os integrantes da Folia já prestaram suas reverências às cruzes, uma devota tomou a palavra e propôs a todos os presentes que rezassem um pai-nosso e três ave-marias em homenagem aos foliões, aos entes queridos já falecidos e também

⁸ Chama-se de coroa o chapéu enfeitado que os foliões usam em giro. Como eles são a representação dos Reis Magos, todos devem possuir uma coroa, que recebem no ritual de Coroação no dia 24 de dezembro, definido como o início da jornada, à semelhança dos Santos Reis do Oriente.

⁹ Um dos foliões anda de muletas e mesmo com grande dificuldade por conta de sua deficiência, ele se ajoelha, tanto diante das cruzes, como também diante do presépio dentro da Igreja. Não se pode olvidar dos senhores idosos que compõem o grupo, que não possuem a mesma flexibilidade dos mais jovens e mesmo assim não se abalam, descem com maior lentidão, mas se colocam na posição tradicional exigida por aquele momento ritualístico.

para si próprios. Pode-se perceber a partir da etnografia que nas Folias em geral o número três é importante pelo mito que sustenta o próprio ritual da Folia, afinal os magos foram ao encontro do Menino e três presentes lhe foram ofertados, incenso, ouro e mirra. A Bíblia não revela que eram três e tão pouco que eram Reis, somente que eram magos¹⁰. Provavelmente pelo número de presentes a sabedoria popular deduziu que eram três Magos, que por fim foram transformados em Reis e em santos. No caso do ritual do Cruzeiro o número três apresenta maior notoriedade pela narrativa que conta a morte dos três escravos, a qual sustenta este ritual específico.

Depois das orações, chega o momento dos devotos prestarem sua homenagem às cruzes. Um a um se coloca de frente a elas e segue os mesmos gestos ritualísticos. A performance ritual de cada um que devotamente repete os gestos, cria um ambiente quase mágico, onde a eficácia simbólica de cada ação é reafirmada a cada instante.

3- Entrega da Bandeira

A Entrega da Bandeira é considerada mais um ritual solene do giro, pois se caracteriza como o encerramento da jornada do grupo naquele ano, ou seja, a conclusão das obrigações, o dever cumprido. Infelizmente, não acompanhei o ritual até o fim. No dia não estava me sentindo muito bem, tive uma queda de pressão logo ao amanhecer, agravada pela suspeita de ter contraído dengue e pela necessidade de ainda seguir a cantoria no Cruzeiro dos Pirineus às 6 horas da tarde com a Folia da Maú e presenciar a Entrega da Bandeira dos Colodinos no fim da noite. Esta não pude acompanhar, por minha impossibilidade física. Felizmente eu já havia presenciado a Entrega dos Colodinos em 2013. Contudo, acompanhei a primeira parte do ritual da Folia da Serra, composto pela reverência ao Cruzeiro, Chegada à igreja, Salvamento do Presépio e cantoria das Profecias, que terminou por volta das 16:30.

A Folia da Serra se posicionou distante da igreja para iniciar o cortejo. Neste, notei a participação de dois devotos que seguram a Bandeira junto com o bandeireiro e conduzem a Folia até o Cruzeiro que se encontra no pátio da igreja. É comum um devoto pagar a sua promessa por meio da sua participação no ritual da Entrega da Bandeira, segurando a Bandeira na caminhada até à igreja. Neste momento, outro

¹⁰ Evangelho segundo São Mateus 2, 1-23.

devoto acende ao pé da cruz uma vela. Desse modo, diante da cruz é entoada a cantoria para lhe fazer uma reverência.



Foto 1: Igreja de São Sebastião, fundada em 1925 pela comunidade da Serra dos Barbosas. Em primeiro plano, o Cruzeiro da Igreja localizado em seu pátio.

Este Cruzeiro apresenta uma estética interessante, muito comum nas pequenas comunidades e áreas rurais. Ao longo do lenho, ou seja, da madeira da cruz, pode-se perceber a presença de vários objetos, que são chamados de martírios. Muito comuns são a lança com a qual Jesus fora ferido, o prego e o martelo, objetos utilizados para pregar suas mãos e pés na cruz, o pano que enxugara o seu rosto e a veste que cobrira seu corpo, representados pelo tecido que pende no encontro dos lenhos vertical e horizontal e pela túnica. Além desses o dado aparece como elemento que faz alusão a um jogo, por meio do qual a roupa de Jesus fora disputada pelos soldados romanos(GIOVANNINI, 2005, p. 29).

Outros objetos menos comuns são a turquesa, a caveira, a escada, a faca e outras figuras que fazem referência à paixão de Cristo. No topo da cruz há a inscrição JNRJ, que significa Jesus Nazareno Rei dos Judeus. Por isso um Cruzeiro se mostra tão importante para o Catolicismo Santorial, que possui essa identificação com a paixão de Cristo (GIOVANNINI, 2005, p. 29).

Após a saudação à cruz, a Folia prossegue sua caminhada até a igreja. O bandeireiro e os dois devotos se colocam na porta e inicia a cantoria da Chegada. Cumprida essa etapa, a Folia adentra o templo e se posiciona diante do altar. A devota

beija a Bandeira e assenta junto com o outro devoto no primeiro banco da igreja. Após alguns instantes em que a Folia cantava, o bandeireiro coloca o objeto sagrado no altar e volta para a fila conduzindo os foliões até o presépio. A vela sobre o presépio está acesa, isto se mostra como um código entre Foliás e devotos. Quando a vela do presépio está acesa é sinal que o dono ou dona da casa, quer que a Folia salve o seu presépio. É importante frisar que na igreja são os leigos que cumprem o papel de anfitriões e que aquele lugar é uma extensão de suas casas.

Teve início o Salvamento do Presépio com os seguintes versos:

Ô Deus oi salve este presépio
Do nascimento de Jesus
Aonde fez a semelhança
Oi nascimento de Jesoi, oiáíá
E os três rei quando subero
Do nascimento de Jesus
Oi sairo a viajar
Oi e seguiri aquela luz uzaiá, iá
Oi aquela luz que clariava
Oiá vem lá do Oriente
Oi prámostrá os três reis
Aonde estava o poder eiá, iá
[...]
Aonde foro encontrado
Oi José Maria e o seu filho aiá, iá
Oi os três rei se encantaro
E sorriro de alegria
Oi acharo o rei do povo
O filho de Virgem Maria iá, aiá¹¹

Mais adiante no Salvamento do Presépio, os foliões cantam “Ai em nome do Pai Eterno/Ai vamos todo ajoelhá, aiá, aiá”. A partir daí todos ajoelham e ficam nesta posição por muito tempo. Dizem que este momento é penoso, mas os foliões suportam por causa da fé que têm. A devota Vera, que está atrás do altar segurando uma vela e um terço, também se ajoelha e acompanha de perto o ritual participando do mesmo. Depois os foliões se levantam cantando por mais tempo. Em um determinado momento ditado pela cantoria, quando fala da oferta dos três Reis do Oriente, o bandeireiro coloca três moedas douradas no presépio, simbolizando os três presentes ofertados ao Menino Jesus. A cantoria prosseguiu com as Profecias e ao fim a assistência que ocupou todos os bancos da igreja, bateu palma entusiasmada.

¹¹ Transcrição dos versos do Salvamento do Presépio na Igreja de São Sebastião, localizada na Serra dos Barbosas, dia 6 de janeiro de 2014.

Chega a hora da saudação individual diante do objeto de devoção. Nesse momento ressalto a diferenciação dos gestos dos foliões. A ação mais comum observada foi ajoelhar e tocar três vezes a beirada do presépio da direita para a esquerda, fazer o sinal da cruz e passar a vez ao próximo folião. Porém alguns não seguem esse modelo. Há folião que beija a toalha que cobre a mesa onde está montado o presépio e faz o sinal da cruz, outros encostam a mão somente uma vez na beirada e faz o sinal da cruz, alguns beijam a imagem dos três reis do presépio ou beijam apenas uma delas e completa com o sinal da cruz.

Portanto, parece não haver um padrão, somente o sinal da cruz apareceu em todas as reverências. Mas existe uma maneira de se portar diante do objeto sagrado que mesmo alterando os gestos a atitude, a postura de respeito e a devoção estão sempre presentes. Nesse contexto o presépio assume a centralidade do ritual pela sua sacralidade, sendo mais importante que o altar.

Na Entrega da Bandeira da Folia da Serra se manifesta de maneira mais evidente a questão da supremacia do leigo no ambiente do Catolicismo Santorial. O ponto crucial que ratifica essa superioridade é acima de tudo a ausência do padre nesse evento, onde realmente sua presença é dispensável. Os devotos têm total autonomia nesse espaço que foi construído pela comunidade.



Foto 2: Placa afixada na parede da Igreja indicando a data de sua fundação, e a responsabilidade pela construção. Institui dessa forma a comunidade como a responsável pelo espaço.

Observei a ação das mulheres que não aparecem como protagonistas do ritual, porém sem elas nada aconteceria. Quando cheguei à igreja, antes do início do cortejo da Folia, devotas arrumavam o altar com velas, do lado de fora, na varanda perto da cozinha da igreja, mulheres picavam a verdura que seria oferecida no almoço da Folia.

Ao final das profecias cantadas dentro do templo, a mesa da comunhão¹² já estava posta, com os pães picados, os peixes e o vinho já dispostos e o almoço praticamente pronto.

Quando eu estava saindo os foliões se surpreenderam dizendo que eu iria sair na melhor parte, na hora do almoço. Desculpei-me pela ausência, pois sabia que seria considerada uma desfeita não comer o almoço da Entrega da Bandeira, mas não seria possível, pois meu corpo não estava mais aguentando. Naquele momento iriam almoçar, mais adiante seria realizado o Agradecimento da Mesa Posta, e logo procederiam com a Comunhão servida a todos os foliões e assistência, operada sem a necessidade de um sacerdote ou da hóstia consagrada. E por último a Entrega da Bandeira propriamente dita com o pedido de perdão do palhaço e a Descoroação dos foliões.

Para os devotos e foliões o que vale é a fé e não a presença do padre. Antes da fundação da igreja, datada de 1925, a Folia da Serra já existia há mais de um século e seus foliões já assumiam a função de sacerdotes de viola, como bem percebe Brandão (1981). A preponderância do leigo nesse cenário já estava consolidada antes da construção da igreja e assim continuou depois dela.



Foto3: O interior da Igreja São Sebastião, localizada na Serra dos Barbosas. Nota-se que é muito bem conservada pela comunidade que a construiu.

Por conta de toda a organização da Folia da Serra, que envolve sabedoria e tradição, o grupo goza de amplo prestígio na cidade. Os conhecimentos rituais de seus

¹² Na grande maioria das casas visitadas pela Folia da Serra a presença da mesa da comunhão, com um copo de vinho, peixe e pão picado, é notável. Os foliões, enquanto sacerdotes populares oferecem a comunhão sem a necessidade de um agente religioso institucionalizado ou da hóstia.

integrantes que são seguidores de uma tradição sempre renovada e toda a sua riqueza em narrativas, constroem todo um imaginário que exerce um misto de fascínio e medo. A organização interna da Folia costura esses elementos num todo conciso, de maneira tão coerente no contexto social desses indivíduos, que as partes se tornam indissociáveis. Portanto, a memória do Medeiro velho se manifesta como um elo de ligação e o episódio da incorporação reforça o compromisso coletivo. Dessa forma, cada folião não pode falhar em seu compromisso individual com os santos, com as almas do Cruzeiro e com a Folia para não prejudicar o compromisso coletivo, de cumprimento indispensável e inquestionável.

Conclusão

Em torno da devoção dessas pessoas nos Santo Reis Magos, na eficácia dos rituais da Folia da Serra, no poder da Bandeira e do Cruzeiro, várias narrativas vão ganhando corpo e se adensando dentro da estrutura da Folia e cada vez mais se tornando presentes no imaginário da comunidade que participa coletivamente da festa. A narrativa analisada neste artigo, que ganhou na região o status de um mito, mescla elementos do mundo natural e sobrenatural, que legitimam certos aspectos do procedimento ritual que rege a jornada deste grupo, como o local, a data e o horário em que o compromisso deve ser cumprido.

Essa narrativa que está sendo mitologizada na região está relacionada com o primeiro compromisso do dia de Reis cumprido pelo grupo, a Cantoria no Cruzeiro, que figura como um dos mais relevantes pela sacralidade que o local simboliza e espiritualidade que ele detém, segundo os foliões. De notória relevância, esse ritual é considerado por foliões e assistência, como um dos mais solenes e que, não somente por isso, atrai muitos devotos. Eles comparecem pela fé, devoção e respeito ao local, que possui uma história marcada pelo passado escravocrata de Leopoldina.

O Cruzeiro da Serra das Virgens, como local significativo, guarda a memória de um contexto marcado pela escravidão. A Folia da Serra não permite que essa memória seja apagada. O grupo se reúne todos os anos nesse local devocional revestido de sacralidade, sempre reavivada pela Folia, para cantar em homenagem às almas dos escravos que ali cometeram suicídio, em louvor a Santos Reis, em respeito à dor do

padecimento de Cristo, e cumprindo nesse cenário o seu primeiro compromisso do dia de Reis.

A Entrega da Bandeira também é realizada em local sagrado para os foliões, a igreja da Serra dos Barbosas. Onde o leigo assume a diretriz da organização do espaço e os foliões a função de sacerdotes. O Cruzeiro no pátio da igreja também merece reverência, por recordar a paixão de Cristo e seu martírio, através dos objetos em sua madeira representados. O ritual da Entrega da Bandeira renova anualmente não só a fé da assistência e dos foliões, como também os laços de parentesco e vizinhança tão caros à permanência da Folia da Serra nessa comunidade.

Portanto, a etnografia me permitiu analisar mais que a estruturas dos rituais da Folia, mas também as crenças e a fé que movem essas pessoas. Depositando na Bandeira a esperança de dias melhores e no Cruzeiro o seu respeito pelo sofrimento e a devoção, seja nas almas, nos santos ou em Cristo. Todos os rituais referentes ao 6 de janeiro, data em que se comemora o dia de Santos Reis, são marcados por essa religiosidade híbrida e autônoma, tão característica do Catolicismo Santorial e de seus agentes.

Referências Bibliográfica

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Sacerdotes de viola:** rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais. Petrópolis: Vozes, 1981.

BITTER, Daniel. **A bandeira e a máscara:** estudo sobre a circulação de objetos rituais nas folias de reis. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

GIOVANNINI JR., Oswaldo. **Folguedos da Mata:** um registro do folclore da Zona da Mata. Leopoldina: Do Autor, 2005.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A estrutura dos Mitos. In: **Antropologia Estrutural.** São Paulo, Tempo Brasileiro, 1975, pp. 237- 265.

_____. Quando o Mito se torna História. In: **Mito e significado**. Lisboa, Edições 70, 1978, pp. 55-64.

STEIL, Carlos. Catolicismo e cultura. In: VALLA, Victor V. (org.). **Religião e cultura popular**. Rio de Janeiro, DP&A, 2001, p. 9-40.